

O Arriá no Circo Voador é com Geraldo Azevedo

PÁGINA 3



Ator e diretor Isaac Bernat exalta o teatro infantil

PÁGINA 6



Autoralidade em alta no mercado de quadrinhos

PÁGINA 13



2º CADERNO

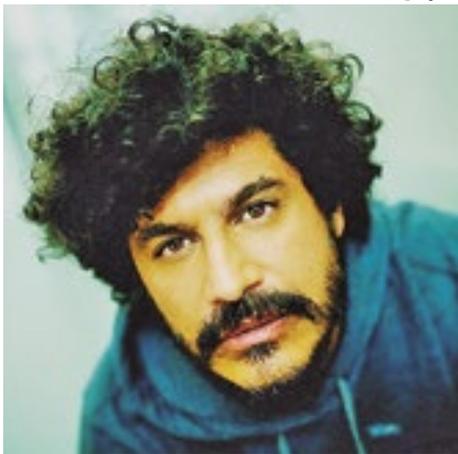
EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



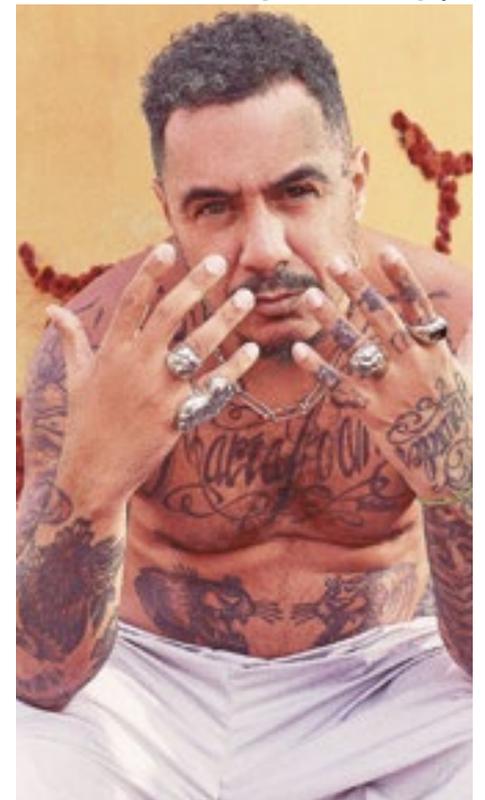
Ney Matogrosso

Divulgação



Criolo

Rodrigo Ladeira/Divulgação



Marcelo D2

INVERNO AQUECIDO POR MÚSICA

I Love PRIO Festival de Inverno chega à sua sétima edição na Marina Glória em 22 atrações musicais em dois fins de semana

Bloco na Rua, com um setlist que destaca a diversidade do seu repertório: “Eu quero é botar meu bloco na rua” (Sérgio Sampaio), “A Maçã” (Raul Seixas), “Álcool (Bolero Filosófico)”, “O Beco” (Herbert Vianna/Bi Ribeiro) e “Mulher Barriguda” (Solano Trindade/João Ricardo) são algumas das músicas

escolhidas. O figurino, sempre aguardado com expectativa, foi criado sob medida pelo estilista Lino Villaventura. A banda afiada reúne Sacha Amback (direção musical e teclado), Marcos Suzano e Felipe Roseno (percussão), Dunga (baixo), Mauricio Negão (guitarra), Aquiles Moraes (trompete) e

Everson Moraes (trombone).

As canções do último álbum “Sobre Viver” pontuam o show de Criolo, que encerra a noite de sexta na Marina da Glória. O disco reforça que o rap é o princípio de tudo e é ele quem dá a caneta nas composições, mas o som e a musicalidade se desdobram em múltiplas referências, seguindo a vocação dos trabalhos que colocaram o artista no centro do mapa da música brasileira. E, também, da música mundial: Criolo venceu o Grammy Latino 2023 na categoria Melhor Interpretação Urbana em Língua Portuguesa, com “Distopia”, de Planet Hemp & Criolo. Sobre Viver foi indicado em duas categorias na mesma premiação. **Continua na página seguinte**

Os cariocas não gostam de dias nublados e “sofrem” no inverno e por isso mesmo não dispensam o calor humano. Essa é a proposta do do I Love PRIO Festival de Inverno, que promove sua sétima edição entre os dias 5 e 14 na Marina da Glória. Serão seis dias de evento, 22 atrações musicais, mais de 60 horas de shows e ativações com experiências inéditas.

Para quem não quiser encarar a brisa fria que vem da Baía de Guanabara, o Canal Brasil vai transmitir o evento ao vivo e com exclusividade na TV e no streaming, para todo o país, com cobertura jornalística com entrevistas e bastidores do evento.

Marcelo D2 abre a primeira noite do I Love PRIO Festival de Inverno nesta sexta-feira (5) com o show “Marcelo D2 e Um Punhado de Bamba” em que mostra canções do seu último disco, “Iboru”, além de grandes sucessos de sua carreira e da história do samba, com sua linguagem musical única.

Na sequência, Ney Matogrosso coloca o

Carol Siqueira/Divulgação



Nando Reis

A programação do segundo dia do festival começa com o poeta, cantor e compositor Arnaldo Antunes, que coleciona sete álbuns com a antiga banda e outros 18 em carreira solo. O repertório especial para o show traz canções como “A Casa é Sua”, “Socorro”, “O Pulso” e “Comida” - de sua fase nos Titãs -, além de “Passa em Casa”, sucesso dos Tribalistas, projeto que criou com Mari-sa Monte e Carlinhos Brown.

“Frejat Ao Vivo” é um passeio pela trajetória do cantor e compositor, uma espécie de viagem biográfica musical de Frejat. O repertório do show reúne alguns de seus maiores sucessos “turbinados” e com energia renovada. A apresentação revela as muitas facetas da personalidade musical de Frejat em canções pop sofisticadas, baladas bluseiras, MPB revisitada e rock’n roll do bom. Quem melhor define “Ao Vivo” é o próprio Frejat: “É um show cheio de sucessos pra gente cantar, dançar e se divertir muito”.

Na companhia da banda Os Infernais, Nando Reis encerra a segunda noite do evento com os grandes clássicos de seus 40 anos de carreira. O repertório do show permeia todas as fases do cantor e compositor, traçando um retrato de sua trajetória. Há sucessos gravados com os Titãs, além de hits de sua autoria que se tornaram famosos gravados por outros artistas, como “Dois Rios”, escrita com Samuel Rosa e Lô Borges e lançada pelo Skank; “Onde Você Mora”, parceria com Marisa Monte eternizada pelo Cidade Negra; e “O Segundo Sol”, gravada por Cássia Eller.

Alcione sobe ao palco do I Love PRIO no domingo (7) com o show “50 anos de Música”. Criada ouvindo os grandes cantores dos anos 1970, nacionais e internacionais, a Marrom sempre transitou entre os variados gêneros e estilos musicais: samba, jazz, bolero, reggae e canções românticas. E apesar de ser tratada como sambista, adora gravar e interpretar o que lhe convém e emociona.

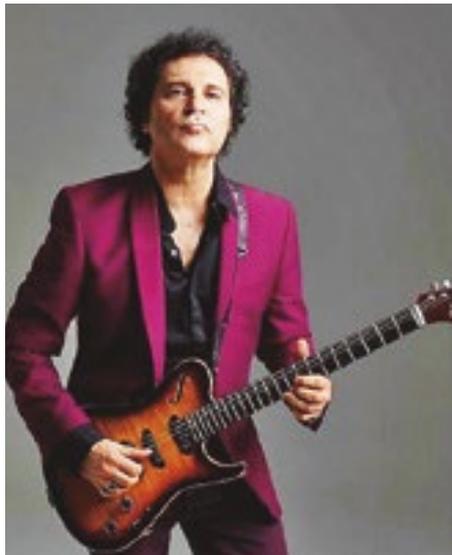
Rock no sábado e samba no domingo

Divulgação



Arnaldo Antunes

Leo Aversa / Divulgação



Frejat

Sua galeria de hits é imensurável: “Não Deixe o Samba Morrer”, “Sufoco”, “Você Me Vira a Cabeça”, “A Loba”, “Meu Ébano”, “Mulher Ideal”, “Garoto Maroto”, “Estranha Loucura”, “Nem Morta”, “Além da Cama”, “Faz Uma Loucura Por Mim”, “Gostoso Veneno”, dentre outras dezenas de sucessos.

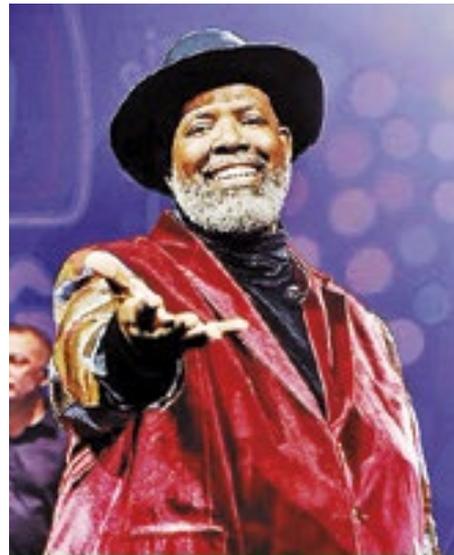
Maria Rita, acompanhada pelos músicos Leandro Pereira (violão 7 cordas), Fred Camacho (banjo e cavaquinho), Vinicius Feijão

Vinicius Mochizuki/Divulgação



Alcione

Divulgação



Péricles

(pandeiro), Jorge Quinho (percussão) e Adilson Didão (percussão), leva para o palco seu consagrado “Samba da Maria”. O repertório do show traz sucessos de sua discografia, como “Tá Perdoado”, “Maltratar Não é Direito” e “Num Corpo Só”, além de clássicos imortalizados nas vozes de grandes nomes da música brasileira, como Beth Carvalho (“Vou Festejar”), Jorge Aragão (“Coisa de Pele”, “Lucidez”), Clara Nunes (“Juízo Final”), Gonza-

Divulgação



Maria Rita

guinha (“É”, “O Homem Falou”), Elis Regina (“O Bêbado e a Equilibrista”) e Arlindo Cruz (“O Meu Lugar”), entre outros.

Com seu vozeirão, o carismático Péricles encerra o primeiro fim de semana do festival, mesclando músicas que fazem parte do DNA do artista com outras com uma concepção mais atual, o cantor e compositor apresenta o repertório do seu último álbum, “Calendário”, com faixas como “Ainda Me Iludo”, “Daquele Jeitão”, “Suspeitei do Cara”, “Na Minha Pele”, “Fiquei no Quase”, “Essa Não” e “Desculpe o Auê”, uma linda homenagem a Rita Lee.

SERVIÇO

I LOVE PRIO FESTIVAL DE INVERNO

Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº)

5 a 14/7, sextas (19h), sábados (17h) e domingos (15h)

5/7: Marcelo D2, Cortejo da Orquestra Voadora, Ney Matogrosso e Criolo - DJ Tamy (abertura e intervalos)

6/7: Arnaldo Antunes, Cortejo da Orquestra Voadora, Frejat e Nando Reis - DJ Nicole (abertura e intervalos)

7/7: Alcione, Cortejo da Orquestra Voadora, Maria Rita e Péricles - DJ Helen Sancho (abertura e intervalos)

12/7: Marina Sena, Cortejo da Orquestra Voadora, Vanessa da Mata e Liniker - DJ Tamy (abertura e intervalos)

13/7: Pato Fu, Cortejo da Orquestra Voadora, Ana Carolina canta Cássia Eller e Pitty - DJ Nicole (abertura e intervalos)

14/7: Cortejo da Orquestra Voadora, Xande de Pilares, Ferrugem e Thiaguinho - DJ Helen Sancho (abertura e intervalos)

Ingressos a partir de R\$ 140 (4º lote) no www.ingresse.com

Tem cantoria no Arraiá

Geraldo Azevedo recebe o amigo Xangai no bailão junino do Circo Voador nesta sexta e sábado

Geraldinho Azevedo é titular absoluto quando o assunto é o Arraiá do Circo Voador, atração que ele comanda há anos nesses trempes de festas juninas. Mas desta vez o cantor e compositor pernambucano decidiu chamar um parceiro de longa data, o baiano Xangai. A dupla sobe ao palco da Lona nesta sexta e sábado (5 e 6) para comandar um bailão repleto de baião e xote num forró arretado.

Com direção e produção musical de César Michiles, Geraldinho e Xangai selecionaram um



Acervo Circo Voador

Geraldo Azevedo comanda o tradicional Arraiá do Circo

repertório que traz os ritmos mais animados da obra de Geraldo, como “Sabor Colorido” (Geraldo Azevedo e Capinan), “Tempero do Forró” (Geraldo Azevedo e Geraldo Amaral) e “Moça Boni-

ta” (Geraldo Azevedo) e releituras de clássicos de mestres como Luiz Gonzaga e Dominginhos. A proposta é uma só: botar a plateia pra dançar do início ao fim.

A banda tem, além do pró-

prio Michiles na flauta e no sax, Junior Xanfer (guitarra), Toninho Tavares (baixo), Romero Medeiros (teclados), Johnanthan Malaquias (sanfona), Hortelino Batera (bateria) e Je-

rimum de Olinda (percussão). A noite começa com o grupo Zanzar, que há mais de uma década celebra culturas populares tradicionais numa apresentação que mistura coco, jongo, carimbó, cavalo-marinho, frevo, maracatu, entre outros ritmos.

No encerramento das duas noites o grupo Xaxadinho, projeto celebrado de Mari Melo e Chris Mourão, mantém o clima do bailão. Nos intervalos das apresentações, os sets inspirados da DJ Edna. O Arraiá do Circom terá ainda decoração temática e as famosas barraquinhas com as comidas típicas da época como bolos, caldos, churrasquinho e quentão. Os portões abrem às 20h.

SERVIÇO

ARRAIÁ DO CIRCO:
GERALDO AZEVEDO
CONVIDA XANGAI

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
5 e 6/7, a partir das 20h
(abertura dos portões)
Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 180

Ancestralidade é posto

Formado por descendentes de Cartola, Candeia e Clementina de Jesus, o Matriarcas do Samba volta ao placo do Rival

A força feminina do samba é a grande protagonista do novo show que as Matriarcas do Samba levam ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (5). O grupo é ancestralidade pura. Formado por Nilcemar Nogueira (neta de Cartola), Vera de Jesus (neta de Clementina de Jesus) e Selma Candeia (filha de Candeia), o grupo apresenta o espetáculo “Pérolas negras do samba”, com um roteiro dedicado a sucessos eternizados por compositoras e intérpretes que se tornaram referências na história de lutas

e conquistas do samba e, também, da presença da mulher no mais genuíno gênero musical brasileiro.

No repertório, novos arranjos de clássicos de Dona Ivone Lara, Alcione, Leci Brandão, Elza Soares, Clara Nunes, Clementina de Jesus e Jovelina Pérola Negra. A noite contará ainda com participações de convidadas especiais, como Ana Costa, Tia Surica, Criss Massa e Flávia Saolli.

“O espírito de nossos shows é o de valorizar a tradição e nossos mestres ancestrais. O Matriarcas é



Divulgação

Selma Candeia, Nilcemar Nogueira e Vera de Jesus formam o Matriarcas do Samba

também uma forma de levar à frente lutas que vão além da cultura e da arte – como o combate ao racismo e a valorização das mulheres”, destaca Nilcemar.

“Eu sinto uma alegria e uma saudade enormes dos encontros raízes que presenciei, sem sem ter noção, naquela época, da impor-

tância e do legado de nossos pais e avós. O grupo representa o resgate dessa memória, do samba, da vida, do cotidiano dos nossos ancestrais”, completa Selma Candeia.

As apresentações das Matriarcas não se resumem ao repertório. No palco, as herdeiras esbanjam com humor ao contar histórias de de seus

antepassados, gigantes do samba.

SERVIÇO

MATRIARCAS DO SAMBA |
PÉROLAS NEGRAS DO SAMBA
Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) | 5/7, às 19h30
Ingressos entre R\$ 50 (meia) e R\$ 120

Uma noite de baladas 'matadoras'

Sucesso desde os anos 1960, o grupo vocal americano The Manhattans canta seu R&B romântico no Vivo Rio

Por **Affonso Nunes**

P repare seu coração para uma noite de fortes emoções ouvindo canções eternas que embalam corações apaixonados há décadas. O Manhattans, grupo vocal de R&B e soul music, se apresenta neste domingo, a partir das 19h, no palco do Vivo Rio, com suas baladas "matadoras" e esmerados

arranjos vocais.

Formado em 1962 em Nova Jersey (EUA), o Manhattans era um quinteto formado por George Smith (que faleceu em 1970, sendo substituído por Gerald Alston), Winnie Lovett, Kenny Kelly, Ernest Bivens e Richard Taylor estreou em disco um ano depois, com a balada "I Wanna Be (Your Everything)".

Os grandes sucessos foram gravados após a entrada de Al-



Divulgação

Agora trio, The Manhattans canta seus hits românticos

ton no grupo. Em 1975, eles assinaram contrato com a Columbia, iniciando ali sua melhor fase. O

primeiro grande hit da carreira dos Manhattans veio em 1976, com o hit "Kiss and Say Goodb-

ye". Quatro anos depois, o grupo emplacou outro grande sucesso: "Shining Star", vencedora do Grammy de melhor canção em 1980.

Em 1983, os Manhattans gravaram mais uma balada que se tornaria clássica, "Forever by Your Side". Tema de grande sucesso no Brasil, quando foi incluída na trilha sonora internacional da novela "A Gata Comeu" (1985).

Na formação atual, o Manhattans é um trio com Gerald Alston; Troy May, que ingressou no grupo há 30 anos atrás e que possui um timbre de voz característico das músicas do grupo; e Lawrence Newton, que ingressou no grupo em 2022.

SERVIÇO

THE MANHATTANS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

7/7, às 20h

Ingressos a partir R\$ 95 (meia) e R\$ R\$ 190

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ana Clara Miranda/Divulgação



Série sinfônica

A Sala Cecília Meireles recebe nesta sexta (5), às 19h, a Orquestra Sinfônica da UFRJ. Com regência de Priscila Bomfim (foto) e o pianista Rafael Ruiz como solista - ambos ex-alunos da Escola de Música da UFRJ -, a orquestra executará em seu programa a Abertura Nº 3 Op. 21, de Joly Braga Santos; o Concerto para piano Nº 17 em Sol Maior, de Mozart; e a Sinfonietta Nº 1 "Em memória de Mozart", de Villa-Lobos.

Camila Cornelsen/Divulgação



Nova turnê

Principal nome da cena emo no Brasil, a Fresno apresenta nesta sexta (5), no Qualistage, o show da turnê do recém-lançado álbum "Eu Nunca Fui Embora, parte 1". Lucas Silveira (vocais, guitarra, baixo, teclados), Gustavo Mantovani (guitarra e vocais) e Thiago Guerra (bateria) trazem sua história de 25 anos de sucesso em canções como "Quebre as Correntes", "Natureza Caos" e "Sua Alegria foi Cancelada", além de faixas do novo disco.

Brunini/Divulgação



Pagode na Gigóia

Lugar diferenciado, com música, sabor e diversão, o Sunset Gigóia, na bucólica ilha da Barra, recebe neste sábado (6) o Caju Pra Baixo (foto). Criado há 11 anos em Marechal Hermes, o grupo de acaba de lançar um álbum ao vivo que reúne seus maiores sucessos na última década. O grupo Balacobaco e sets de muita ginga com os DJs Fabinho Carioca e Jeff Tavares completam a programação do Churrasquinho da Gigóia.

Divulgação



Balada sertaneja

Donos de vários sucessos no segmento sertanejo, a dupla Henrique e Juliano apresenta o show "A Maior Saudade" neste sábado (6) no Centro de Convenções Riocentro, na Barra Olímpica. No repertório, as canções "Aquela Pessoa", "Vidinha de Balada", "Recaída" e outros hits. Detentor de números expressivos de streams nas plataformas digitais, o cantor Nattan abre a noite sertaneja na Barra.



VEM VIVER O MAIOR FESTIVAL CULTURAL MULTILINGUAGEM DO PAÍS.

MÚSICA | TEATRO | DANÇA | CIRCO | ARTES VISUAIS | LITERATURA | AUDIOVISUAL

12 A 28 DE JULHO

SÃO MAIS DE 550 ATRAÇÕES EM 24 LOCALIDADES DO ESTADO DO RJ.

MÚSICA

CRÉDITOS ANA LEFALK



19.7
SEX

CHICO CÉSAR

/// 21H

CLASSIFICAÇÃO: 12 ANOS

MÚSICA

CRÉDITOS DIVULGAÇÃO



19.7
SEX

CÁTIA DE FRANÇA - 50 ANOS DE PISADA

/// 18H

CLASSIFICAÇÃO: 12 ANOS

MÚSICA

CRÉDITOS DIVULGAÇÃO



20.7
SÁB

SANDRA DE SÁ

/// 21H

CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS

TEATRO

CRÉDITOS BRUNO MARTINS



20.7
SÁB

CANDEIA

/// 18H

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

LOCAL:

SESC SÃO GONÇALO

PROGRAMAÇÃO GRATUITA - ENTRADA COM 1KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL.



SAIBA MAIS:

FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

A PROGRAMAÇÃO PODE SOFRER ALTERAÇÕES SEM NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. IDENTIFIQUE-SE DOS DETALHES NOS CANAIS DO SESC RJ.

REALIZAÇÃO



ENTREVISTA / ISAAC BERNAT, ATOR E DIRETOR TEATRAL

'Teatro também é educação infantil'

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Premiado em múltiplas frentes nas artes cênicas pelo binômio inquietude + lirismo de sua forma de dirigir e de atuar, Isaac Bernat vai investigar uma das belas tradições do subúrbio carioca no espetáculo infantil “As aventuras de Pé de Vento no Dia de Cosme e Damião”. A peça estreia neste sábado (6) no Teatro Miguel Falabella, no Norte-shopping, às 15h.

O texto de Fátima Colín é inspirado em uma crônica de 1957 de Rubem Braga sobre a corrida atrás de doces que agita a cidade sobre as bênçãos da dupla padroeira da criança. Em cena, Clara Santhana e Leandro Castilho, acompanhados do percussionista Igor Lemos, atuam, cantam e tocam canções da MPB.

O saquinho recheado de guloseimas musicais que oferecem à plateia inclui Gilberto Gil, Lamartine Babo, Jorge Ben, Toquinho, Rita Lee, Arlindo Cruz, compositores da cena contemporânea, como Thiago da Serrinha e Alan Rocha, e pontos da cultura popular.

Na entrevista a seguir, Bernat explica o simbolismo do festejo sagrado que leva aos palcos.

Qual e como é o Rio de Janeiro idealizado nos ritos e festejos de Cosme e Damião?

Isaac Bernat: É um Rio onde as pessoas tinham uma aceitação maior das diferenças. Não era uma questão você ser de uma religião ou de outra. É uma festa ecumênica que liga as regiões afro e católica, mas todo mundo gostava de Cosme e Damião independentemente da religião. Era uma época em que você dava e recebia doces, as crianças ficavam alegres. As diferenças não ficavam tão evidentes porque todo mundo corria atrás de doce, as pessoas faziam promessas para coisas importantes, e ainda fazem em alguns lugares. É uma festa com uma presença muito forte no Rio e não só no subúrbio, né? Eu morava em Copacabana, e tinha corrida atrás de saquinho de Cosme e Damião. Nas escolas também. Juntava todo mundo. Era uma festa de amor, de afeto, muito divertida. As crianças eram a alegria da festa. Então, eu acho que é esse Rio de Janeiro de liberdade, de ir e vir, o Rio de troca de afeto. Nessa peça, com os incríveis atores, cantores e instrumentistas Clara Santhana e Leandro Castilho, a gente procura trazer esse clima para quem viveu e para quem não conhece... e quem sabe volte a

viver, né? É uma tradição que está um pouco esquecida, mas que é muito potente.

De que maneira a peça celebra um Rio que vai além do cartão-postal de sol e praia?

Pé de Vento é um menino que vem da Paraíba para conhecer o Cosme Damião no Rio de Janeiro, né? Então, ele se depara não só com as regiões famosas, turísticas, mas com outros lugares. A história se desenrola em um clima de feira. Poderia ser numa Feira de São Cristóvão ou numa feira da Pavuna. Então, eu acho que a peça celebra a totalidade da cidade, sem essa territorialização que a gente vive hoje. A cidade de todo mundo. A cidade como um todo também é celebrada através da trilha sonora, que vai de Zeca Pagodinho a Rita Lee, além de Jorge Benjor, Toquinho e

Vinicius, Arlindo Cruz, Paulo Cesar Pinheiro, Gilberto Gil, Thiago da Serrinha e Alan Rocha. A gente também canta pontos de terreiro, o que celebra ainda mais essa diversidade.

Qual é a sua primeira lembrança do Cosme e Damião?

Quando era criança, morava na Barata Ribeiro, em Copacabana, a partir dos 4 anos. Na pracinha da Arcoverde, tinha distribuição de saquinho de Cosme e Damião. Aí eu me lembro que eu descia o prédio onde eu morava, em frente ao Teatro Glauco Gil, e ficava na praça, aguardando os saquinhos de doces. Era muito emocionante, todo mundo queria pegar mais e mais e mais. Tenho uma lembrança muito afetiva. Eu fui morador de Copacabana com meus pais a partir de 1966/67,

e até eu fazer 13, 14 anos, eu me lembro que tinha festa de Cosme Damião... e eu sou judeu, né? Para mim era o maior barato. Meus pais não tinham nenhum problema com isso e nem eu. Pelo contrário, era uma alegria, eu vibrava com o Cosme Damião.

Como você vê a atual movimentação do teatro infantojuvenil na cidade para a formação de jovens plateias?

É um momento muito profícuo, né? É muito estimulante o que está acontecendo no teatro infantil de novo. A gente vê espetáculos de alta qualidade, uma nova geração surgindo com muita garra, profissionais que são experientes fazendo teatro infantil. Aqui mesmo nessa peça a gente tem isso. Você tem a Dóris Rollemberg (cenógrafa), Aurélio de Simoni (Iluminador) e Wanderley Gomes (figurino): só esse trio já é demais, né? A gente está vendo muitos profissionais investindo no teatro infantil, né? E isso mostra a qualidade das peças. Tenho visto muita coisa legal. Eu acho que o teatro infantil é fundamental para a formação de plateia e acho que, cada vez mais, os patrocinadores têm que investir. Teatro também é educação infantil porque você tira as crianças do celular, do tablet, do computador, para elas poderem ver uma coisa presencial, com os atores de carne e osso.

O que um aparelho como o Teatro Miguel Falabella representa para a ampliação do espaço das artes cênicas no Rio?

O Miguel Falabella é um teatro maravilhoso, onde cabe muita gente. É espaçoso e pega a Zona Norte, né? É um público que eu sinto ser ávido por cultura. Rodar pelo Rio, pela periferia, pelo subúrbio, pela Zona Norte, pela Zona Sul, é uma maneira de fazer os artistas circularem e as pessoas receberem espetáculos de qualidade. O Teatro Miguel Falabella é um teatro administrado pela Companhia Atores de Laura há muitos anos, então tem uma preocupação com essa qualidade. É muito importante estar estreando lá essa peça sobre Cosme Damião que é uma tradição forte no subúrbio.

Que próximos espetáculos adultos estão no seu escopo?

Teremos novas temporadas de “Deixa Clarear”, em homenagem a Clara Nunes, que está há onze anos em cartaz, também com essa atriz incrível que é a Clara Santhana. Além dele, há o projeto de um monólogo do autor português Ricardo Cabaça, com direção de André Paes Leme: “As línguas que o coração fala”.

CRÍTICA / TEATRO / EU SOU UM HAMLET

O príncipe vingador

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Uma vez, o talentoso cineasta Guilherme Coelho, classificou de libelo a peça “Ninguém Sabe Meu Nome”. O libelo, sobretudo centrado em monólogos, ganha cena teatral, podemos dizer, status de gênero. Libelo em jurisdiquês é a exposição breve e articulada do que se pretende provar contra um réu.

Mas já houve, em plena Revolução Francesa, o teatro libelo, chamado libeles, com um papel essencial enquanto obras com características de dimensão histórica, pois traziam ao público narrativas sobre a história recente da França naquele período.

Entre as mais diversas libelles que inundam nossos palcos, “Eu Sou um Hamlet”, com Rodrigo França, sob direção de Fernando Philbert consegue ir além de ser uma peça acusatória. O espetáculo é um movimento de



Márcio Farias/Divulgação

Rodrigo França encarna um Hamlet preto e periférico contra o racismo

altíssima sofisticação que já parte da idéia de se fazer um mosaico de vários textos de Hamlet para compor um grito de profunda dor ao

apontar a situação do jovem preto, vítima de um verdadeiro genocídio.

Começa-se com o cenário uma destruição

aparente, ordenadamente desordenada. Mas é o figurino de Rodrigo o elemento cênico surpreendente e avassalador. Branco, com um crochê de cordas, um caftan, uma batina, algo que nos remete, de imediato ao nível do sagrado. Rodrigo se transforma em profeta, em vate. O jovem herdeiro vingador muda de pele, incorpora o abandono da negritude no gestual, na voz, no corpo. É um órfão-símbolo com a incapacidade de superar o inimigo.

A direção de Fernando Philbert não é uma atualização propriamente dita. O texto é o clássico, como vimos no estupendo “Hamlet” de Gabriel Villela, mas o sub discurso da música deixa de ser um fundo. Assume o proscênio, dá sentido, força brasileira. Philbert e Rodrigo transformam em emoção o esforço de denunciar e apontar quem permite o racismo como forma brutal de matar.

SERVIÇO

EU SOU UM HAMLET

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, nº 1 – Centro)

Até 14/7, quintas e sextas-feiras (19h), sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

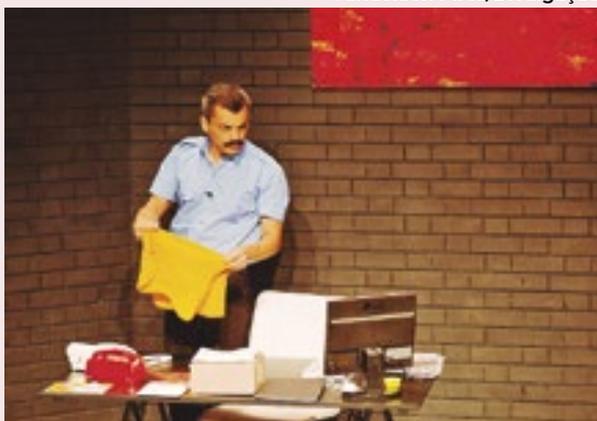
Inspiração indígena

Inspirada no conhecimento e na cosmovisão do povo indígena Kaingang, a bailarina e mestra em antropologia social Geórgia Macedo idealizou o espetáculo de dança contemporânea “Água Redonda e Comprida”, que chega ao Rio para curta temporada no Mezanino do Sesc Copacabana, até o dia 14, com sessões de quinta a domingo, às 20h30. Em cena, Geórgia divide o palco e a criação das coreografias com Nayane Gakre Domingos e Iracema Gah Teh num cenário que remete ao movimento das águas.

Dani Berwanger/Divulgação



Janderson Pires/Divulgação



Risos na portaria

Baseada em histórias reais, o ator Alexandre Lino, todos os anos volta à cena especialmente para comemorar o dia do Porteiro, que foi dia 9 de junho, e dessa vez a festa será em Jacarepaguá de 6 a 14 de julho, aos sábados 19h e domingos às 17h. A comédia, com texto e direção de Paulo Fontenelle, já foi vista por mais de 150 mil espectadores e indicada ao Prêmio do Humor de Fábio Porchat, virou filme de sucesso. O desempenho de Alexandre Lino é imperdível pois constrói um personagem de uma humanidade comovente e homenageia os porteiros do Brasil.

Leah/Divulgação



A versão tupinambá

O espetáculo “Aimberê”, que inicia nova temporada nesta sexta-feira (5) no Centro Cultural Justiça Federal faz parte de um conjunto raro, mas crescente, de obras das artes cênicas sobre os povos originários. Com texto de Ademir Martins, direção de Pedro Bárbara e atuação de Eli Emiliano Corrêa, a peça conta a história das invasões portuguesa e francesa na Guanabara e da fundação do Rio de Janeiro, pela ótica de Aimberê, guerreiro Tamoio do povo Tupinambá. A dramaturgia coloca Aimberê contando a própria história ao ressurgir em terras cariocas no século 21.

SHOW**RIOHARP FESTIVAL**

*O harpista Adán Vásquez (República Dominicana), o percussionista Marcus Kreiger (EUA) e a Orquestra Sinfônica Juvenil Carioca se apresentam às 19h de sáb (6). Palácio São Clemente (R. São Clemente 424 – Botafogo). Grátis

RODRIGO SHA & MAZ SETTE

*O saxofonista e o trompetista interpretam e improvisam temas brasileiros e latinos com pitadas eletrônicas. Sex (5), às 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). Entre R\$ 60 e R\$ 120

TRILHAS

*Dadi Carvalho e Vinicius Cantuária se unem em projeto em que reúnem seus sucessos e novas criações autorais. Sex (5), às 20h, no Blue Note Rio (A. Atlântica, 1910 - Copacabana). Entre R\$ 60 e R\$ 120

MARIA EUGÊNIA

*A cantora está de volta aos palcos para comemorar seus 30 anos de carreira. Dom (7), às 19h, no Quintal Centro Cultural (R. Américo Oberlaender, 580 - Santa Rosa). Grátis

TEATRO**LEÃO ROSÁRIO**

*Espetáculo solo com o ator Adyr Assumpção, vozes e objetos inspirado em "Rei Lear", de Shakespeare, e em Arthur Bispo do Rosário, artista visual que trilhou os caminhos da arte e da loucura. Até 28/7. CCBB RJ (Rua primeiro de Março, 66), de qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

GOSTAVA MAIS DOS PAIS

*Filhos de dois craques do humor, Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho refletem as dores e delícias da herança artística de Chico Anysio e Lúcio Mauro. Até 11/8, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon). A partir de R\$ 39,60 (meia)

O POETA AVIADOR

*Comédia dramática coloca uma lupa sobre uma família interracial às voltas com questões do filho pré-adolescente. Até 21/7, de qui a dom (20h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

*Leão Rosário*

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação

*Passinho da ZO***EU, ROMEU**

*Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, reconta "Romeu e Julieta", de Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano (Marcos Camelo) para discutir estereótipos e preconceitos. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glaucê Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

DANÇA**PASSINHO DA ZO**

*A partir deste sábado (6) tem início a 3ª edição do evento que visa fomentar e difundir o passinho por meio de ações em diferentes bairros da Zona Oeste. Apresentações dos Bondes, Os Dançarinos Brabos e Os Mister Passistas. Quadra do São Bento (Rua São Cristiano,

Divulgação



Trilhas: Vinícius Cantuária e Dadi

Divulgação



Adan Vasquez

Divulgação



Bassa Danza

174 - Bangu)

INFANTIL

SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO

* Protagonizado pelo potiguar Palhaço Piruá, espetáculo parte da dramaturgia do argentino Walter Velázquez numa história de comicidade e sensibilidade. Até 7/7, sáb e dom (16h) no Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Infantil: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 2 (associado Sesc) | Adulto: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50 (assoc. Sesc) e grátis (PCG)

PLUFT, O FANTASMINHA

* O texto clássico de Maria Clara Machado ganha nova montagem com viés contemporâneo. Até 28/7 no Teatro Tablado (Av. Lineu de Paula Machado,



795 - Lagoa). Sáb e dom (17h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

EXPOSIÇÃO

ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE

* A mostra inédita mergulha no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingo Ferreira, 160). Grátis

BASSA DANZA

* O artista carioca Nathan Braga apresenta cerca de 25 obras pertencentes a quatro séries diferentes de trabalho, produzidas desde 2019 até hoje, nas quais o artista versa sobre o ponto de inflexão

entre as figuras mitológicas de Thanatos e Eros. Até 7/7, no Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro), ter a a dom (12h às 18h). Grátis

DOS BRASIS

* O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe a exposição "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

PAISAGENS RUMINADAS

* Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, representante da chamada Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

ARAPUCA

* Os artistas visuais Ricardo Siri e Deborah Engel assinam uma exposição que colocando em evidência as intrincadas teias da vida cotidiana e da criatividade compartilhada. Até 9/7 no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 - Centro). Seg, qua e sex (14h às 20h) e ter, qui, sáb e feriados (10h às 18h). Grátis

LUZES DA COREIA

* Um mergulho em uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva com instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia).

EVENTO

ARRAIÁ DA TROPICANA

* A edição julina do evento chega neste fim de semana a Botafogo com barrquinhas de comidas típicas, forró e brincadeiras para crianças e adultos. Sáb (6) e dom (7). Rua São Clemente, 175 - Botafogo. Grátis

ARRAIÁ SESC RJ

* Maior circuito de festas juninas do estado, o Arraiá Sesc RJ 2024 acontece até o dia 14. São ao todo, 35 festas em 13 cidades, entre unidades e hotéis do Sesc e espaços parceiros. O arrasta-pé vai contar com brincadeiras e barracas

CRÍTICA / FILME / MEU MALVADO FAVORITO 4

Franquia padece de falta de propósito

Divulgação



O filme cria uma relação de implicância de Gru Jr. com o pai, o que é insuficiente para manter a trama

Por Pedro Strazza (Folhapress)

Os filmes de “Meu Malvado Favorito” ainda têm história para contar? A pergunta soa besta, com a série chegando essa semana ao quarto capítulo e mais dois derivados na bagagem - ambos dedicados aos minions. Mas a questão vira um agouro na nova continuação, em uma história que dá passos confusos com o protagonista Gru.

Para início de conversa, a premissa é das mais mirabolantes. Gru volta ao seu antigo colégio, um instituto de vilania, para capturar um colega de classe durante um encontro de ex-alunos. Ele completa o objetivo, mas o adversário escapa e quer vingança. Assim, o protagonista e a sua família entram para um

programa de proteção da agência em que ele trabalha e, de uma hora para outra, assumem novas identidades.

Tudo isso acontece em menos de 20 minutos e, nesse tempo, o filme já passou por pelo menos três tons diferentes - o que cansa um pouco. O início, por exemplo, remete a James Bond, antecipando a chegada de Gru ao evento em cenas que destacam a viagem do seu carro pela estrada montanhosa.

Em seguida, a continuação vira uma comédia adolescente, com o embate dos vilões - cheios de poderes e armas tecnológicas - na esteira de uma premiação. O prólogo só termina na casa de Gru, quando ele chega para o café da manhã e o filme apresenta ao público Gru Jr., seu filho recém-nascido. A cena toda

transcorre como um comercial de margarina para crianças pequenas.

Até aí nada de novo para os filmes, com exceção talvez do rebento. Desde o primeiro “Minions”, de 2015, “Meu Malvado Favorito” existe a serviço da hiperatividade e adota comédias de ritmo acelerado. A evolução da história se confunde com a sucessão de piadas, que buscam novidades para atirar na tela.

Dessa vez, a grande promessa são os megaminions. Eles são cinco indivíduos da tropa de comparsas amarelos de Gru, que ganham poderes de uma máquina da agência antivilões para combater o crime. Por serem minions, o plano dá errado, e eles mais alimentam o caos que salvam o dia.

Mas o filme demora para che-

gar nos megaminions, até porque eles são uma das quatro tramas da continuação. Além deles, o público acompanha Gru, que precisa cometer um roubo com uma garota para proteger a sua identidade; a família do protagonista, que tenta conviver com as novas vidas; e do vilão, Maxime Le Mal, em seus esforços de vingança.

O desafio de “Meu Malvado Favorito 4” está no equilíbrio frágil desse malabarismo estranho. Nada se conecta direito e o desfecho inventa um clímax preguiçoso nas novas responsabilidades de Gru como pai. Enquanto o conflito final com Maxime não acontece, o longa inventa cenários e acha comédia na bagunça - quase sempre pelos minions.

Ou seja, a continuação cumpre com a rotina pré-estabelecida

e aperfeiçoada nos outros filmes da série. Desta vez, a execução pelo menos é um pouco melhor que a de “Meu Malvado Favorito 3”, graças a uma ou outra cena de humor pas-palhão.

Algumas das piadas recorrentes também mantêm a história no eixo e a impedem de se perder em episódios distantes, como no terceiro capítulo. Um dos minions fica preso em uma máquina de salgadinhos, por exemplo, e o filme acha formas de rir do seu isolamento no aparelho.

Mas “Meu Malvado Favorito 4” ainda sofre com a falta de propósito, um problema com raiz na contradição dos personagens com o sucesso da série. Em entrevistas, o diretor do filme, Chris Renaud, disse que a produção estabelece de vez que os personagens não envelhecem.

Ele comparou a decisão com a de “Os Simpsons” e, como na série criada por Matt Groening, a jogada tem gosto de raciocínio de marketing. Além de ajudar a vender produtos para a criançada, suspender o crescimento dos personagens também interrompe a sua evolução na história.

O que é uma péssima ideia para a família de Gru, que até o quarto capítulo ainda mantinha essa progressão em vista. Desde o original de 2010, o protagonista deixou de ser vilão, adotou três filhas, se casou, virou agente secreto, foi demitido, passou por crises e até mesmo descobriu um irmão gêmeo e rico. Até a sua origem foi contada no segundo “Minions”.

Em “Meu Malvado Favorito 4”, porém, Gru segue a mesma pessoa. A sua família também - as crianças não crescem um centímetro. O filme inventa um drama com Gru Jr., que faz cara feia para o pai, mas isso é insuficiente.

Depois de achar conforto com a rotina, a série agora tem o desafio de evitar o conformismo com os seus personagens. O quarto capítulo implora por isso, mas fica a ver navios. A falta de tensão pode aborrecer os pequenos, mesmo com tanta coisa acontecendo na tela.

CRÍTICA / FILME / MAXXINE

Uma grife cinéfila de assombrar

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde “Ataque dos Morcegos” (2005), o americano de Delaware Ti West vem construindo uma obra singular, cinéfila, parafraçando e homenageando movimentos e filões (quase sempre de linha B) que marcaram época nas telas. É o caso do western spaghetti, objeto dele em “No Vale da Violência”, hoje na Netflix. Mas é pelas vias do horror, sobretudo na conexão com o slasher do fim dos anos 1970 e de toda a década de 1980, que ele mais ganhou notoriedade, e melhor talhou sua musculatura narrativa.

“O Último Sacramento” (2013) é um dos melhores exemplares de sua lavra autoral. Em seu percurso de diretor autor, ele confeccionou até uma trilogia, com direito a uma diva (Mia Goth, neta da brasileira Maria Gladys), cuja terceira parte chega às telas na semana que vem, embora já possa ser conferida em pré-estreias pagas hoje: “MaXXXine”. Os anteriores são “X: A Marca da Morte” e (o magnífico) “Pearl”, ambos de 2022.

A saga começa em 1979, com uma equipe de artistas da indús-



Divulgação

tria pornô que, na busca de fazer um filme numa cidadezinha do interior, deparam-se com o perigo, embora uma de suas estrelas, Maxine Minx (Mia, num colossal desempenho), escape. Só a sequência dela acoitada por um crocodilo já

Maxine Minx (ao centro, de olhos pintados), personagem que atesta a força de Mia Goth, encara o lado B de Hollywood

basta para tornar essa película um marco do medo. O segundo epi-

sódio dessa cinessérie mergulhava no passado daquele mundinho, ali por 1918, a partir dos feitos sanguinários da jovem Pearl. Já o terceiro longa-metragem, mais reflexivo, pontuado por um ritmo de edição envolvente, passa-se em

1985 e traz Minx de volta.

Ela está a um passo de mudar de ares e ir para Hollywood, estrelar um thriller de terror de uma diretora nada amistosa (Elizabeth Debicki). Nesse momento, uma onda de assassinatos ameaça as mulheres da cidade. Uma série de atrizes que Minx conhece são mortas, o que faz dela objeto de um inquérito policial... e um alvo. Ao mesmo tempo, um suposto detetive particular bem escroque, John Labat (Kevin Bacon, numa atuação impecável), passa a segui-la a fim de leva-la para seu patrão, que tem nela interesses nada pudicos.

A partir desse enredo, bem amparado pelo carisma e pela inteligência cênica de Mia, West faz um tributo ao suspense dos anos 1980, sobretudo à obra do deus Brian De Palma e seu “Dublê de Corpo” (1984), que aproximou as engrenagens hollywoodianas da indústria da pornografia. Mas “MaXXXine” vai muito além da homenagem e se firma como um estudo sobre a danação dos que almejam a fama, ao mesmo tempo que se estrutura como um ataque ao sexismo. Vale um aplauso a participação de Giancarlo Esposito como o advogado/ agente de Minx.

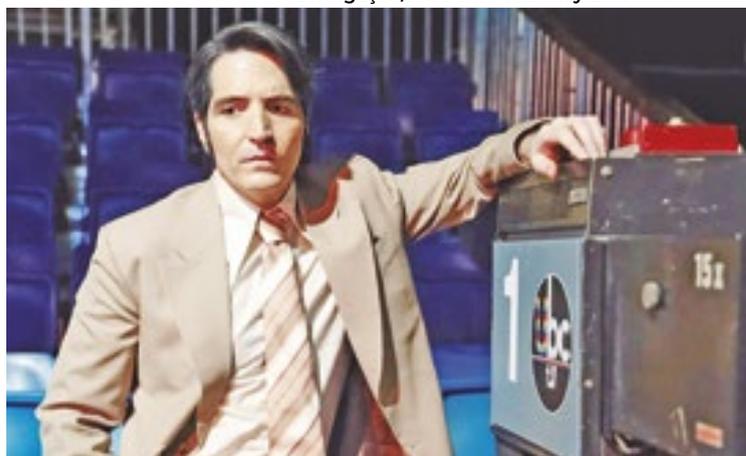
CRÍTICA / FILME / ENTREVISTA COM O DEMÔNIO

Divulgação/IFC Films Courtesy Everett Collection

Transmissão diabólica

Chama-se found footage o dispositivo narrativo - muito característico de longas de terror - no qual imagens de arquivo (em VHS, película, fitas Beta e afins) são usados para reconstituir uma trama que, em geral, terminou em tragédia, como é o caso de “Holocausto Canibal” (1980), de Ruggero Deodato. É uma forma de alusão às ferramentas legitimadoras do real do cinema documental, ainda que a não-ficção seja fake.

Um dos usos recentes mais engenhosos dessa técnica pode ser conferido em “Entrevista Com O Demônio” (“Late Night With The Devil”), que rendeu o prêmio de melhor roteiro do Festival de Sitges a seus diretores, Cameron Cairnes e Colin Cairnes. A premissa: a reconstituição de um Halloween tenebroso de 1977. A discussão de base: uma reflexão sobre a falta de limites éticos na indústria da mídia, sobretudo na TV. O maior achado:



O apresentador Jack Delroy, vivido por David Dastmalchian vai ter um plá com o Coisa Ruim

a atuação memorável do protagonista, David Dastmalchian

Cabe a ele interpretar o apresentador Jack Delroy, estrela do

programa noturno “Night Owls”, que luta desesperadamente para se manter no ar conforme despenca no Ibope americano. A saída para

sustenta-lo aparece num Dia das Bruxas com a proposta de levar uma menina que, supostamente, está sob ataque do Diabo, no caso uma entidade satânica chamada Abraxas. A noite em que a menina se apresenta parece correr bem, com distintas reflexões teológicas, até que manifestações sobrenaturais começam a acontecer, expondo pecados de Delroy. É na montagem febril que as situações fantásticas dessa pequena produção ganham um vulto de surpresa, movimentando uma trama cheia de ironia com a engenharia da televisão. Mas o medo, por vezes, consegue se fazer presente em diálogos, como a alusão a um lugar chamado Árvores Altas, onde rituais pagãos são realizados. (R.F.)

CRÍTICA / LIVROS

Leituras quentes para dias frios

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

Começou o inverno nos trópicos, o que nem sempre garante temperatura baixas em alguns cantos. E como pregou Djavan, nos dias frios, bom mesmo é encontrar um bom lugar para ler um livro. Para combinar com a temporada das férias do meio do ano, aqui vão algumas leituras que esquentam a estação.

Margaret Atwood virou moda no Brasil depois da telessérie baseada em seu Conto da aia. Quando não está criando ficção, a autora canadense é uma respeitada conferencista, com análises brilhantes sobre literatura, meio ambiente, política, feminismo e outros temas reunidos em *Questões incendiárias – Ensaaios e outros escritos* (Rocco, R\$ 101). São mais de cinquenta textos escritos entre 2004 e 2021, analisando o mundo contemporâneo, seus dilemas, dramas e saídas para as tragédias anunciadas, prementes no século XXI. A desigualdade socioeconômica, o conceito de democracia, o totalitarismo e a urgência para minimizar a crise climática

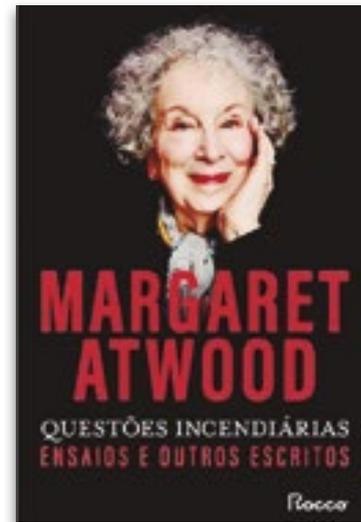


são esquadrihados ao lado da modernidade de Charles Dickens.

Com apresentação repleta de elogios do celebrado Marlon James, *Histórias selecionadas* (Intrínseca, R\$ 97) reúne 52 textos, entre contos e trechos de romances, de Neil Gaiman, o cultuado criador de uma consistente obra de fantasia



em 40 anos de carreira. No simpático prefácio, Gaiman explica sua dificuldade em definir-se como autor de um só gênero literário que, apesar da popularidade, permanece desconhecido para os taxistas com quem conversa ao se dirigir para algum destino. Apenas um, entre tantos, lhe pediu um autógrafo e o



abraçou. Os textos escolhidos por votação de leitores seguem ordem de publicação, oferecendo uma ampla visão sobre a evolução e a abrangência do trabalho do autor.

O título bastante descritivo de *O primeiro golpe do Brasil – Como D. Pedro I fechou a Constituinte, prolongou o escravismo e*

agravou a desigualdade entre nós (Máquina de Livros, R\$ 59), do jornalista Ricardo Lessa, pode abalar quem nutre uma imagem romântica do primeiro imperador brasileiro. Afinal, diferente de outros países latino-americanos, o Brasil sempre teve um olhar carinhoso para a monarquia portuguesa. Enquanto no restante da América Latina, as lutas pela independência foram lideradas por nativos – ainda que miscigenados e descendentes de espanhóis –, o corte de laços com Portugal coube, no Brasil, a um português, que em 1823, fechou a primeira Assembleia Constituinte da jovem nação.

O Pedro jovial e mulherengo dos tempos de príncipe dá lugar a um monarca autoritário que deixou o Império – e um filho de apenas cinco anos em seu lugar – para defender a manutenção da coroa em mãos de sua filha, Maria da Glória, cujo marido e tio, Miguel, lutou para derrubar do trono.

Para Ricardo Lessa, o retorno a Portugal fez de Pedro herói em sua terra natal, mas não no país onde se criou e no qual se fez soberano.

Por Aquiles Rique Reis*

Em março deste ano eu recebi uma mensagem do poeta, músico e artista plástico Marcos Quinan, na qual me pedia para escrever algo sobre o livro que ele estava lançando. Sim, claro! Para tanto, dei-me à leitura. As palavras soavam como música aos meus ouvidos.

Ei-las: a alegoria do livro “Anabel, Brás Teodoro e o Povo do Belo Monte”, do Quinan, me pegou pela mão e sumiu comigo. Me perdeu. Me levou e me deixou. Fiquei! Nada ali é de soslaio, tudo é de frente, forte. Por vezes, a leitura me remetia a Guimarães Rosa e João Cabral. Tão uno, tão indivisível, Quinan revelava-se plural.

E não é que ele e seus personagens, em pleno arrebatamento de serem alter-ego do autor de carne

A prosa musical do cantador historiador

e osso, mostraram-se apaixonados entre si e pela história de Antonio Conselheiro, em sua epopeia em Belo Monte?

Movido a personagens vívidos, feito os vaqueiros Beleléu e Mariano, mais Bendengó, Pajeú, Zé do Tucano, Caluta, Da Luz, Pichim, Dalfredo, Cabeção, os soldados da Guarda Católica, Carmela, a irmã de Sinício, Simeão de Caieira e a jovem Dolores (a que se deitava, sem sentir prazer, com escravos libertos, vaqueiros, meeiros, tropeiros e todos que vinham em busca de seu corpo). A essa altura, me via como Quinan, delirante.

E ele se atirou à minha frente,



instigante, misterioso, a me puxar para dentro de um mundo que é

dele, mas agora é meu, é do Brasil de todas as gentes, de todos os credos, de todas as raças, cores e gêneros. Do Brasil que temos em mente, igualitário, generoso, mestiço e que haverá de, enfim, nos redimir.

Ao final do livro, talvez para não dar chance a mal-entendidos, Quinan imprimiu várias de suas telas e inúmeros outros poemas seus. E assim, pintando e poetando, deu cara ao que pensou e nos evidenciou, transpondo as fronteiras da literatura.

Fatos existidos, revividos, postos a prumo. Deles Marcos Quinan se valeu em sua ida ao passado que conhece há tempos e ansiava

trazer a lume, para o futuro que carrega entranhado em si, como a poeira do sertão que o agasalha até os ossos.

Amor pela história, em meio a pesadelos e sonhos extraordinários, eis um cantador historiador brasileiro, lídimo restaurador de fragmentos que traz grudados à memória, mantendo-os íntegros.

PS. Conversando com o compositor Celso Viáfara, ele disse que musicou uma das poesias do livro e gentilmente me autorizou a incluir aqui o link da gravação caseira de “Salguem os Punhais” (Viáfara e Marcos Quinan). E outras duas músicas que constam da obra: “Relógio da Saudade” (Marcos Quinan e Antonio Vicente Mendes Maciel) e “Vaza-Barris” (Marcos Quinan).

*Vocalista do MPB4 e escritor

Fotos/Divulgação



Traços de autor

Quadrinistas de grife mobilizam as atenções do mercado de gibis ampliando as vendas para as férias de julho



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Raras vezes na história comercial dos quadrinhos do Brasil o mercado acolheu tantas grifes consagradas com o rótulo de “autorais” como se vê nas bancas, livrarias e gibiterias nos dias de hoje, o que pode indicar um atalho para o sucesso de vendas. Como é julho, mês de férias, com tempo ocioso de jovens leitoras e leitores, a busca pelo que ler se amplia. Apostar em medalhões é uma forma de atrair esse e outros públicos e valorizar as HQs como espaço de dramaturgia inventivo. Olha o que anda se destacando nas prateleiras, estantes, quiosques & afins:

A SALA DE AULA QUE DERRETEU, de Junji Ito:

Encarado como o mais prolífico representante do terror nos mangás, as HQs japonesas, Junji Ito volta a assombrar o público brasileiro com a história de dois irmãos que, numa aliança com o Demônio, promovem a corrosão física das pessoas com quem se relacionam, derretendo peles e músculos. A edição feita pela Pipocas & Nanquim valoriza a maestria do quadrinista sobre o preto e branco.

SESSENTA PRIMAVERAS NO INVERNO, de Aimée de Jongh e Ingrid Chabbert:

Cabem à editora Nemo todos os louros da inclusão e da excelência por trazer ao Brasil a HQ do ano. Encarada hoje como a quadrinista mais inquietante de nosso tempo, a autora holandesa responsável por cults como “Táxi!” une seu talento ao da roteirista francesa Ingrid Chabbert para falar de amor numa fase outonal da vida. No dia em que completa 60 anos, Josy, a protagonista desta joia, recusa-se a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão:

iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada com a velha Kombi. No caminho, uma paixão inesperada, em todos os sentidos, vai mudar suas perspectivas acerca do futuro.

OPERAÇÃO HIGH WAYS, de John Byrne:

Mais polêmico autor de HQs de super-heróis, na DC e na Marvel, nos anos 1980, o artesão canadense volta a escrever e desenhar com a galhardia de outrora ao mostrar uma expedição astronáutica na qual um desbravador do cosmo novato, recém-chegado a um cargueiro estelar, depara-se com uma conspiração capaz de ameaçar o controle da navegação intergaláctica. Ataques de construtos bioquímicos e uma injeção de LSD futurista são parte dos perigos que ele e sua tripulação correm, além dos hormônios à

flor da pele de uma astronauta ninfomaníaca.

BATMAN, A CRIANÇA DOS SONHOS, de Kia Asamiya:

Um dos mais célebres ilustradores do Japão topou redefinir graficamente o universo arquitetônico de Gotham City numa trama policial de tirar o fôlego na qual o Homem-Morcego tenta deter o avanço de uma droga que dá aos usuários a aparência de seus maiores inimigos, entre eles o Duas-Caras. Na luta para fazer essa substância sumir das ruas, ele vai combater seus desafetos reais, sem saber quando se trata de uma investida de “clones” deles ou de seus algozes mais odiosos. A adaptação do material produzido por Asamiya para o inglês (traduzido aqui por Rodrigo Guerrino) foi o escritor Max Allan Collins (de “Estrada para a Perdição”).



CÃES, de Keum Suk Gendry-

Kim: No empenho de popularizar entre os brasileiros a obra de uma das maiores quadrinistas sul-coreanas, autora de “A Espera” e “Jun”, hoje traduzida em 12 países, uma das editoras mais ousadas do mercado de HQs traz essa ode dela à relação de humanos e pets. É um relato emocionante e honesto sobre como a convivência com cachorros, no amor incondicional que eles sentem por seus donos, modifica o coração de seres desumanizados, auxiliando-os de forma quase inadvertida a tornarem-se pessoas mais sensíveis.

ÁRDUO AMANHÃ, de Eleanor

Davis: A autora dessa HQ da editora Tordesilhas ganhou o LA Times Booker Prize por um estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor. Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosas, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e cânhamo. Já Hannah só quer ter um bebê. Mas a vida anda cruel com seu desejo. O traço de Eleanor é de uma elegância modiglianesca.

A NOITE DO CORVO, de Marco

Galli: É uma experiência lisérgica acompanhar a transformação do traço de um dos mais respeitados desenhistas das HQs italianas cuja arte mudou depois que ele perdeu o controle de seus polegares, em decorrência de sequelas de uma doença. A aposta numa narrativa mais rústica é fundamental para ele narrar a saga de um pistoleiro psicótico que usa uma máscara de pássaro em seus assassinatos. A bela versão nacional do gibi, num álbum gráfico que valoriza o colorizado estilizado do autor, é da Faria e Silva Editora.

Contas Um conto?

(PRIMEIRA PARTE)

Conto tantos, vários engraçados já vividos que eu não esqueci. Quem nunca passou por situações inusitadas, algumas sem pé nem cabeça? Algumas curiosas, outras engraçadas. Aquelas constrangedoras em que o buraco da ema é pequeno para esconder a cara envergonhada. Ficam os vexames, as histórias para os netos e as gargalhadas para as mesas de bares.

No apartamento, oitavo andar... gritei:

— Entrei na casa do vizinho! Entrei de gaiato no apê!

Uma amiga querida comprou uma nova moradia na planta. Obra programada com entrega garantida. Tudo certinho, planejado, pensado, calculado... só que deu errado. Ela devolveu a humilde residência em que, até então, morava, calculando transferir-se diretamente para a nova. Assim economizaria uns trocados com o aluguel. Por sua vez, o proprietário do imóvel aproveitou para acomodar a filha que vinha morar no Rio para realizar um doutorado. Tudo encaixado perfeitamente como num quebra-cabeças, em tempos e movimentos sequenciados milimetricamente.

Planilhas complexas e completas, tipo uma sai pela manhã e a mudança, que vem de fora, da outra chega à tarde! A completude estava perfeita apenas com um pequeno detalhe: a construtora não cumpriu a data aprazada.

Encontro-a, dias antes, no Centro do Rio, já em um clima de 'o que eu faço amanhã...? Era um misto de assustada, com olhos em brasa e respingos da chuva do relógio que atrasa. Clipe sem nexos, pierrot retrocesso, que nexos tem, que nexos faz? Havia acabado de me separar, indo viver em um apartamento de dois quartos, com cinco utensílios básicos: um colchão, uma arara para as roupas, uma TV mínima, suavemente pousada sobre um caixote de maçãs "Red Indians", catado na feira-livre da rua paralela, fogão e geladeira. Me compadeci com a situação e ofereci o quarto 'às moscas' para que ficasse até a entrega das chaves. Ali mesmo fiz uma cópia da chave, entreguei e apresentei meu novo endereço.

Simplesmente esqueci a história.

(CONTINUA...)



Um fascínio milenar

Os mistérios das obras de arte do Antigo Egito podem ser vistos em mostra que reúne itens das coleções de Eva Klabin e da Viscondessa de Cavalcanti

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

E quem é que não sonha em se aprofundar nos mistérios dos faraós, nas lendas que pairam sobre os deuses egípcios, como viviam naqueles tempos distantes, dominando os mares e os mundos? Ver os ornamentos, as estátuas, os objetos, entender o significado de sua arte, perceber o encanto dessa civilização. Entre os grandes colecionadores e amantes do Antigo Egito estava ninguém menos do que Sigmund Freud, o pai da psicanálie.

Ligada à religiosidade, a arte egípcia nasce por volta de 3000 a.C., visto que a maior parte das suas estátuas, pinturas, esculturas ornamentadas, pergaminhos raros do Livro dos Mortos e joias requintadas, monumentos e obras arquitetônicas se manifestam em termos religiosos com uma predominância do culto aos mortos.

A exposição “Eterno Egito: A Imortalidade nas Coleções Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin” traz a união inédita dos acervos de Eva Klabin (1903-1991) e de Amélia Machado de Coelho e Castro (1852 - 1946), a Viscondessa de Cavalcanti, duas colecionadoras brasileiras que reuniram artefatos do antigo Egito.

A mostra apresenta 100 peças de diversas dinastias, datando desde 3000 a.C. até o século I d.C. Com a curadoria de Helena Severo



e Douglas Fasolato, a nova exposição da Casa Museu Eva Klabin estará aberta à visitação gratuita a partir deste sábado (6).



Eva Klabin e a Viscondessa de Cavalcanti figuram entre as maiores colecionadoras brasileiras de arte egípcia



A coleção egípcia de Eva Klabin, atualmente a maior em exibição no Rio de Janeiro e uma das maiores do Brasil, integra o acervo permanente da Casa Museu que leva seu nome enquanto a da Viscondessa de Cavalcanti pertence ao acervo do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (MG).

O fascínio contínuo pelo Egito Antigo transcende o tempo e continua a influenciar a sociedade, nos mais diversos setores. Na arte contemporânea este fascínio se materializa nas obras de artistas que completam a exposição “Eterno Egito”, dialogando com os acervos históricos de Eva e da Viscondessa.

SERVIÇO

ETERNO EGITO

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa)

DE 6/7 a 15/9, de quarta a domingo (14h às 18h) | Entrada franca

Na coleção da Viscondessa, destacam-se uma estela policromada, de Per-a-Iset, que faz oferendas ao deus Ra-Osiris; fragmentos de um rosto de ataúde masculino; figuras shabtis (servidores funerários); e um significativo conjunto de amuletos funerários.

E a coleção de Eva Klabin apresenta como destaques um rosto de esquife de madeira dourada com olhos incrustados de marfim e ébano da XVIII Dinastia, uma estela funerária de pedra que pertenceu a Thutmés, representado se apresentando a Osiris, além de objetos votivos que destacam o importante papel dos animais na religião egípcia, como um esquife para uma múmia de gato.

Na busca do pudim perfeito

Do clássico ao mais inusitado, veja um roteiro com diversas versões do doce

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

O pudim é uma das sobremesas mais bem avaliadas no mundo, segundo o TasteAtlas, plataforma colaborativa, alimentada por viajantes com pratos saborosos consumidos mundo a fora. A receita é simples, mas a preparação nem tanto, um pudim perfeito exige atenção à temperatura do forno. Com ou sem furinhos, dependendo do gosto de cada um, a sobremesa ganhou diversas versões além da clássica, feita com leite condensado, com sabores como doce de leite e café. Confira abaixo a seleção que o Correio da Manhã fez para você:

BUCANEIROS BURGUER - A experiência na hamburgueria pode ser adoçada com o Pudim de Doce de Leite, gelado, coberto por uma calda brilhante, cremoso e que derrete na boca (R\$ 13,90). Rua Bento Lisboa, 101 (loja ao lado) - Catete. Tel: (21) 98865-6388.

CAJU GASTROBAR - No gastrobar de Copacabana, na ala dos doces, o Pudim de leite chega à mesa com crocante de nozes (R\$ 25). Praça Demétrio Ribeiro, 97 - Loja C Copacabana. Tel: (21) 3264-3713.

CHURRASQUEIRA - Na casa de carnes, localizada em Ipanema, o pudim aparece entre as sugestões de sobremesa em uma versão feita com Leite Ninho (R\$ 25,90). Rua Viniçiu de Moraes, 130, Ipanema. Tel: (21) 3689-1009.

CORTÉS ASADOR - Na casa de carnes o comensal pode encontrar no menu de sobremesas o pudim de leite defumado com calda de framboesa e pipóquina de sagú (R\$ 34). Av. Afrânio de Melo Franco, 290/ lojas 410 e 411 - Leblon. Tel: (21) 3576 9707.

FARE TRATTORIA E PIZZARIA - No menu da trattoria o comensal pode encontrar o tradicional Pudim de Leite



LABUTA BAR

Diana Cabral/Divulgação



CHURRASQUEIRA

Divulgação



FARE TRATTORIA



CORTÉS ASADOR

Angelo dal Bó/Divulgação



QUINTA DA HENRIQUETA

Tomás Rangel/Divulgação



BUCANEIROS

Divulgação



CAJU GASTROBAR

Bruno de Lima/Divulgação



PUDIM DELEITE



TALHO CAPIXABA

Divulgação

LABUTA BAR - A receita do tradicional pudim de leite (R\$ 10) da chef Lais dos Anjos conquistou todos os frequentadores da casa que não abrem mão de um docinho após as refeições. Av. Gomes Freire, 256 lj fundos - Centro. Tel: (21) 3148-2156.

PUDIM DELEITE - Na casa especializada em pudins, o comensal pode encontrar até 20 sabores diferentes do doce (pistache, Nutella, café, tapioca entre outros) oferecido em diferentes tamanhos: Pote Individual (150g), Forma Pequena (600g - 4 fatias), Forma Média (1Kg - 6 a 8 fatias) e Forma Grande (1,8Kg - 10 a 12 fatias). Rua Conde Bernadotte, 26 - Leblon. Tel: (21) 98682-1234.

QUINTA DA HENRIQUETA - O restaurante português apresenta no cardápio o Pudim Molotov (R\$ 29), que vem a ser uma tradicional sobremesa portuguesa feita com claras, creme de ovos e amêndoas. Rua Lopes Quintas, 165 - Jardim Botânico. Tel: (21) 2137-7493.

TALHO CAPIXABA - Nas casas do Leblon, Gávea e Ipanema, destaque para os doces em potes, como o tradicional Pudim de leite (R\$ 17). Quantidade ideal para consumir no local ou para levar para casa. Ipanema - Rua Barão da Torre, 354. Tel: (21) 3037-8638.

(R\$ 19,90) com calda de caramelo, como opção de sobremesa. Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 173 - Gávea. Tel: (21) 99712-2056.